

ENTRE LIVRO, ROTEIRO E FILME: NARRATIVIDADE E ADAPTAÇÃO NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

BETWEEN BOOK, SCRIPT AND FILM: NARRATIVENESS AND ADAPTATION IN CONTEMPORARY BRAZILIAN LITERATURE

 <https://doi.org/10.63330/sasciencesv6n2-025>

Submetido em: 11/06/2026 e Publicado em: 22/06/2026

SAS: e26245

Leomaris Wundervald

Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Professora de Língua Francesa na Universidade Federal do Paraná (UFPR)

E-mail: leomarisw@yahoo.fr

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6884933290545639>

RESUMO

Este estudo analisa a adaptação cinematográfica de *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), de Luiz Ruffato, realizada por José Barahona em 2015, com o objetivo de compreender as transformações da narratividade na passagem da literatura para o cinema. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, de natureza teórica e analítica, fundamentada nos estudos da adaptação e da tradução intersemiótica, especialmente nas contribuições de Linda Hutcheon, Robert Stam e Jean-Claude Carrière. O corpus é composto pelo romance, pelo roteiro cinematográfico, pelo filme, por entrevistas concedidas pelo diretor e por observações realizadas durante o acompanhamento das filmagens em Lisboa. A metodologia consistiu na análise comparativa das obras e na reflexão sobre o papel do roteiro como instância de mediação entre literatura e cinema. Os resultados indicam que a adaptação ultrapassa a lógica da fidelidade, configurando-se como prática criativa e interpretativa que reorganiza elementos narrativos por meio de recursos audiovisuais específicos. Observou-se ainda que a manutenção da voz do protagonista, a valorização do espaço urbano e a aproximação com procedimentos documentais contribuem para a construção de uma nova experiência narrativa. Conclui-se que a adaptação cinematográfica constitui um espaço privilegiado para compreender a narratividade contemporânea como fenômeno interartístico, evidenciando o diálogo entre literatura e cinema na produção cultural brasileira contemporânea.

Palavras-chave: Adaptação cinematográfica; Narratividade; Luiz Ruffato; Tradução intersemiótica; Literatura brasileira contemporânea.



ABSTRACT

This study analyzes the film adaptation of *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), written by Luiz Ruffato and adapted for cinema by José Barahona in 2015, aiming to understand narrative transformations in the transition from literature to film. It is a qualitative and bibliographic study of a theoretical and analytical nature, grounded in adaptation and intersemiotic translation studies, particularly the contributions of Linda Hutcheon, Robert Stam, and Jean-Claude Carrière. The corpus consists of the novel, the screenplay, the film, interviews with the director, and observations conducted during the filming process in Lisbon. The methodology involved a comparative analysis of the literary and cinematic works, as well as a reflection on the screenplay as a mediating instance between literature and cinema. The results indicate that adaptation goes beyond fidelity-based approaches and should be understood as a creative and interpretative practice that reorganizes narrative elements through audiovisual resources. The analysis also demonstrates that the preservation of the protagonist's voice, the emphasis on urban space, and the incorporation of documentary aesthetics contribute to the creation of a new narrative experience. The study concludes that film adaptation constitutes a privileged space for understanding contemporary narrativity as an interartistic phenomenon, highlighting the dialogue between literature and cinema in contemporary Brazilian cultural production.

Keywords: Film adaptation; Narrativity; Luiz Ruffato; Intersemiotic translation; Contemporary Brazilian literature.

1 INTRODUÇÃO

A literatura brasileira contemporânea tem se caracterizado por um intenso movimento de experimentação formal e por um diálogo cada vez mais explícito com outras linguagens artísticas. Esse fenômeno evidencia a narratividade como um campo em permanente transformação, no qual as histórias não se fixam em um único suporte, mas circulam entre diferentes estéticas e regimes discursivos. Nesse cenário, a relação entre literatura e cinema destaca-se como um dos espaços privilegiados de reelaboração narrativa, permitindo observar como temas, vozes e estruturas são reconfigurados a partir de influências mútuas entre as artes.

A adaptação cinematográfica, nesse contexto, deixa de ser compreendida como simples transposição de um texto literário para a tela e passa a ser entendida como prática interartística, marcada por processos de interpretação, seleção e recriação. Tal perspectiva possibilita refletir sobre a narratividade hoje como um fenômeno relacional, no qual literatura, cinema e outras artes se cruzam, produzindo novos modos de representação e novas formas de problematizar o ser e a sociedade.



É a partir desse enquadramento que se propõe a análise da adaptação cinematográfica de *Estive em Lisboa e lembrei de você*, romance de Luiz Ruffato publicado em 2009 e adaptado para o cinema em 2015 pelo cineasta português José Barahona. Construída como um depoimento em primeira pessoa, a obra literária é marcada pela oralidade e pela experiência do deslocamento migratório, oferecendo um terreno fértil para observar os ecos interartísticos que emergem na passagem do livro ao filme. Ao compreender o roteiro cinematográfico como uma instância fundamental de mediação entre literatura e cinema, este estudo busca analisar de que modo a narratividade do romance é transformada no processo adaptativo, evidenciando a adaptação como prática criativa, interpretativa e intersemiótica.

A reflexão apoia-se na análise do romance, do roteiro cinematográfico e do filme, bem como em entrevistas concedidas por José Barahona e em observações realizadas durante o acompanhamento das filmagens em Lisboa.

2 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, de natureza teórica e analítica. O corpus é composto pelo romance *Estive em Lisboa e lembrei de você* (Ruffato, 2009), por sua adaptação cinematográfica dirigida por José Barahona (2015) e pelo roteiro do filme, gentilmente cedido pelo diretor para fins de pesquisa. A análise também considera entrevistas concedidas por Barahona e observações realizadas durante o acompanhamento das filmagens em Lisboa.

Fundamentada nos estudos da adaptação e da tradução intersemiótica, especialmente nas contribuições de Hutcheon (2011), Stam (2008) e Carrière e Bonitzer (2015), a pesquisa desenvolve uma leitura comparativa entre romance, roteiro e filme, buscando identificar permanências, transformações e recriações narrativas produzidas no processo adaptativo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 ADAPTAÇÃO, NARRATIVIDADE E LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Durante décadas, a adaptação cinematográfica foi avaliada predominantemente a partir do critério da fidelidade ao texto literário, abordagem que tende a estabelecer uma hierarquia entre literatura e cinema, atribuindo ao filme um estatuto secundário em relação à obra de origem. No entanto, teorias contemporâneas da adaptação têm questionado esse paradigma, propondo uma compreensão mais complexa e produtiva do fenômeno. Linda Hutcheon, por exemplo, concebe a adaptação como uma forma de repetição sem reprodução literal, um processo que envolve necessariamente interpretação e recriação (Hutcheon, 2011). Nessa perspectiva, a adaptação não apaga o texto de origem, mas dialoga com ele, produzindo uma nova obra situada em outro contexto estético e cultural.



Robert Stam, por sua vez, propõe pensar a adaptação como um processo intertextual e intersemiótico, no qual o filme estabelece múltiplas relações não apenas com o texto literário adaptado, mas também com outros discursos culturais e artísticos (Stam, 2008). Essa abordagem permite deslocar o foco da pergunta “o que foi mantido ou perdido?” para “como a narratividade se transforma ao atravessar diferentes linguagens?”. Tal deslocamento é particularmente relevante quando se trata da literatura brasileira contemporânea, marcada por uma abertura crescente à experimentação formal e ao diálogo com outras artes.

No caso de Luiz Ruffato, essa abertura manifesta-se de maneira evidente. Sua obra literária, frequentemente associada à representação de sujeitos marginalizados e à crítica das desigualdades sociais, caracteriza-se também por um trabalho intenso com a oralidade, a fragmentação narrativa e a hibridez de gêneros. *Estive em Lisboa e lembrei de você* insere-se nesse projeto ao assumir a forma de um depoimento transcrito, borrando as fronteiras entre ficção, testemunho e relato jornalístico. Essa configuração narrativa aproxima o romance de outras estéticas narrativas contemporâneas, como o cinema documental, tornando-o especialmente propício à adaptação cinematográfica.

Assim, ao analisar a adaptação do romance de Ruffato, não se trata apenas de examinar um caso isolado, mas de refletir sobre a narratividade contemporânea como um campo interconectado, no qual a literatura brasileira dialoga ativamente com outras formas de expressão artística, ampliando seus modos de representação e de intervenção crítica.

3.2 O ROTEIRO COMO ESPAÇO DE MEDIAÇÃO ENTRE OBRAS

Entre o romance e o filme, o roteiro cinematográfico ocupa um lugar central, funcionando como um espaço de mediação no qual a narratividade literária é reinterpretada à luz das exigências do audiovisual. Jean-Claude Carrière define o roteiro como uma escrita transitória, um instrumento destinado a orientar a realização do filme e cuja existência estaria subordinada à obra cinematográfica final (Carrière; Bonitzer, 2015). Situado em uma zona liminar entre diferentes linguagens, o roteiro constitui um espaço de escolhas narrativas, visuais e sonoras que condicionam a construção da narrativa cinematográfica.

No processo de adaptação de *Estive em Lisboa e lembrei de você*, o roteiro desempenha um papel decisivo ao converter um relato predominantemente verbal e introspectivo em uma experiência audiovisual. O romance de Ruffato organiza-se em torno da voz do protagonista, cuja história é apresentada como resultado de entrevistas gravadas. Tal configuração confere à narrativa um forte caráter oral e memorialístico, centrado na subjetividade do narrador. A adaptação cinematográfica exige, portanto, a elaboração de estratégias capazes de preservar essa dimensão subjetiva sem abrir mão das potencialidades expressivas da imagem, do som e da montagem.



A concepção de roteiro como texto transitório tem sido amplamente difundida nos estudos cinematográficos. Entretanto, o crescente interesse acadêmico pelas etapas de criação audiovisual e a publicação de roteiros em formato editorial permitem relativizar a ideia de sua completa evanescência. Se, em determinado contexto histórico, o roteiro foi frequentemente percebido apenas como instrumento de trabalho, hoje ele também se apresenta como documento de criação e objeto legítimo de investigação.

Nesse sentido, embora Carrière afirme que os roteiros tendem a desaparecer após a realização do filme, convertendo-se em algo diferente daquilo que originalmente eram (Carrière; Bonitzer, 2015), parece mais produtivo compreender essa evanescência como resultado das constantes transformações às quais o texto é submetido durante o processo de produção. Acréscimos, supressões, deslocamentos de cenas e reformulações narrativas fazem do roteiro um objeto dinâmico, cuja instabilidade constitui precisamente uma de suas características fundamentais.

O fato de o roteiro ter passado por vinte e duas versões evidencia que a adaptação não corresponde a uma simples transposição da obra literária, mas a um longo processo de negociação narrativa e estética, corroborando as perspectivas defendidas por Hutcheon (2011) e Stam (2008).

Tal processo revela não apenas a complexidade da adaptação, mas também o papel decisivo do roteiro na negociação entre as especificidades da obra literária e as exigências da linguagem cinematográfica. Mais do que um simples instrumento de passagem entre livro e filme, o roteiro configura-se como um espaço de criação, interpretação e tomada de decisões estéticas.

Cabe questionar, nesse contexto, se a suposta condição efêmera do roteiro implicaria também uma diminuição da relevância do roteirista no processo cinematográfico. O caso de *Estive em Lisboa e lembrei de você* permite responder negativamente a essa questão, uma vez que diversas escolhas estruturantes da adaptação podem ser relacionadas ao trabalho de escrita desenvolvido por José Barahona ao longo das diferentes versões do roteiro.

Uma das soluções encontradas por José Barahona é a manutenção da narração em primeira pessoa, realizada por meio da voz over e do olhar direto do protagonista para a câmera. Esse recurso aproxima o espectador da experiência narrada, criando um efeito de confidência que remete ao pacto estabelecido entre narrador e leitor no romance. Ao mesmo tempo, o roteiro reorganiza o tempo narrativo, distribuindo as informações ao longo do filme e articulando passado e presente por meio de imagens, silêncios e pausas, elementos que não estão explicitamente formulados no texto literário.

O roteiro, nesse sentido, funciona como um verdadeiro *campo de fusões*, no qual a narratividade literária é desmontada e remontada segundo uma lógica audiovisual. Essa operação evidencia que a adaptação não é um gesto de subordinação do cinema à literatura, mas um processo de negociação interartística, no qual cada linguagem contribui com suas especificidades para a construção de uma nova forma narrativa.



As decisões tomadas durante a escrita do roteiro repercutem diretamente na construção do ponto de vista narrativo do filme. Entre essas escolhas, destaca-se a manutenção da centralidade da voz do protagonista e a criação de dispositivos visuais capazes de aproximar espectador e narrador.

As cenas em que o protagonista dirige seu olhar diretamente à câmera foram gravadas em momento distinto das demais sequências do filme, após a conclusão das filmagens com o restante do elenco. Para representar a passagem do tempo na narrativa, o ator passou por modificações de caracterização e composição corporal. Essas informações foram obtidas durante o acompanhamento das filmagens realizadas em Lisboa, aspecto que permitiu observar mais de perto determinadas escolhas de encenação e construção narrativa adotadas pela equipe de produção.

A análise centra-se, em termos de ponto de vista, essencialmente no olhar do protagonista, já que a história principal é construída à sua volta. Conforme Dominique Parent-Altier afirma em *O argumento cinematográfico*, o personagem principal “encarna o tema e é em torno dele que se desenrola o enredo” (2014, p. 90). Assim, sua posição privilegiada de observador é direcionada para quem o assiste. Ao fazer essa opção, José Barahona expõe mais explicitamente o ponto de vista de Sérgio a respeito de suas recordações, que assume a importante posição de ser o elo entre câmera e espectador. Para Campos, “a depender da prioridade de quem percebe e narra aquela história, qualquer personagem pode se tornar o personagem principal da narrativa”. [...] O narrador quer saber qual será o principal foco de atenção dele” (Campos, 2007, p. 27).

Genette classificou este gênero de narração como autodiegético, que ocorre quando o personagem narra, em primeira pessoa, ações que giram em torno de si mesmo, participando diretamente dos fatos que conta. Ele é “herói de sua narrativa” (Genette, 1995, p. 244).

Se por um lado o recurso cinematográfico criado por Barahona transforma a câmera em testemunha, por outro lado, aproxima o espectador do narrador, como se o público estivesse ali, de frente para o protagonista, ouvindo-o atentamente e nele confiando.

De acordo com o diretor, mesmo quando ele olha para baixo ou o olhar é vago, é como se ele estivesse se recordando, um *raccord* quase em direto. Um exemplo disso é na primeira cena do filme em que o ator fala para a câmera, depois, olhara para baixo e na sequência seguinte uma imagem do ponto de vista de cima e é, portanto, um *raccord* (Barahona, 2016). Toda a obra é uma mescla entre relato e imagens das lembranças do personagem. Barahona afirma que a câmera funciona como uma espécie de interlocutor, algo que poderíamos chamar, em cinema, de monólogo para a câmera.



3.3 TRANSFORMAÇÕES NARRATIVAS NA ADAPTAÇÃO DE *ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ*

A adaptação cinematográfica realizada por José Barahona promove transformações significativas na narratividade do romance de Ruffato, sem, contudo, romper com seu núcleo temático e afetivo. Uma das mudanças mais relevantes diz respeito à incorporação de elementos documentais na construção do filme. A presença de não-atores, a utilização de espaços reais e a valorização do cotidiano conferem à narrativa cinematográfica uma dimensão de autenticidade que dialoga diretamente com o projeto literário do autor.

Essas escolhas aproximam o filme de uma estética híbrida, situada entre a ficção e o documentário, reforçando o caráter testemunhal da história. O protagonista não é apenas um personagem ficcional, mas um sujeito cuja experiência migratória ecoa trajetórias reais de brasileiros em Portugal. A narratividade cinematográfica, assim, amplia o alcance social do romance, inscrevendo-o em um contexto mais amplo de discussão sobre migração, trabalho precário e deslocamento identitário.

Outra transformação importante refere-se ao papel do espaço na narrativa. No romance, Lisboa é apresentada sobretudo por meio da memória e da percepção subjetiva do narrador. No filme, a cidade ganha uma presença visual marcante, tornando-se quase uma personagem. Ruas, praças e interiores urbanos compõem um cenário que não apenas contextualiza a ação, mas participa ativamente da construção do sentido narrativo. Essa espacialização da narratividade evidencia uma das contribuições específicas do cinema para a adaptação, ao transformar descrições verbais em experiências sensoriais.

Apesar dessas transformações, o filme preserva elementos centrais da narratividade do romance, como o tom melancólico, o ritmo pausado e o foco na interioridade do protagonista. O resultado é uma obra que estabelece um diálogo produtivo com o texto literário, mantendo sua identidade própria. A adaptação, nesse caso, não elimina o romance, mas o reinscreve em outro regime narrativo, confirmando a potência interartística da literatura brasileira contemporânea.

4 CONCLUSÃO

A análise da adaptação de *Estive em Lisboa e lembrei de você* permite compreender a narratividade contemporânea como um fenômeno profundamente marcado pelo diálogo entre diferentes linguagens artísticas. Ao atravessar as fronteiras entre literatura, roteiro e cinema, a narrativa de Luiz Ruffato transforma-se, revelando novas possibilidades de representação da experiência migratória, da memória e da construção identitária.

Os resultados da pesquisa evidenciam que a adaptação cinematográfica realizada por José Barahona não se limita à transposição de uma obra literária para outro suporte. O processo adaptativo envolve uma série de escolhas criativas e interpretativas que se materializam, sobretudo, no roteiro, entendido neste estudo como um espaço privilegiado de mediação entre livro e filme. A existência de múltiplas versões do



roteiro demonstra que a adaptação constitui um processo contínuo de negociação narrativa e estética, no qual elementos da obra literária são preservados, transformados ou recriados de acordo com as especificidades da linguagem cinematográfica.

A análise também permitiu observar a relevância das estratégias utilizadas para preservar a subjetividade do protagonista, especialmente por meio da manutenção da narração em primeira pessoa, do olhar direcionado à câmera e da articulação entre relato e memória visual. Tais recursos contribuem para aproximar espectador e personagem, produzindo uma experiência narrativa que dialoga diretamente com o caráter testemunhal presente no romance.

Da mesma forma, a valorização dos espaços urbanos de Lisboa e a incorporação de elementos associados ao documentário ampliam as possibilidades de leitura da obra, reforçando sua dimensão social e humana.

Nesse sentido, a adaptação analisada confirma as perspectivas teóricas que compreendem a adaptação como prática criativa, intertextual e intersemiótica, afastando-se de abordagens centradas exclusivamente na fidelidade ao texto de origem. Mais do que reproduzir uma história já contada, o filme produz uma nova obra, capaz de dialogar com o romance ao mesmo tempo em que afirma sua autonomia estética.

Por fim, o estudo reafirma a importância de considerar o roteiro como objeto legítimo de investigação nos estudos de adaptação, uma vez que ele constitui um espaço fundamental de elaboração narrativa e de negociação entre diferentes formas de expressão artística. A análise de *Estive em Lisboa e lembrei de você* demonstra, assim, como os ecos interartísticos que atravessam a literatura brasileira contemporânea contribuem para ampliar os modos de narrar, representar e compreender a experiência humana no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BARAHONA, José. Entrevista concedida a Leomaris Wundervald. Lisboa, Portugal, 2016.

BARAHONA, José (dir.). *Estive em Lisboa e lembrei de você*. Lisboa: David & Golias, 2015. Filme (100 min.), son., color.

BARAHONA, José. *Estive em Lisboa e lembrei de você: roteiro cinematográfico*. Lisboa, 2015. Roteiro inédito cedido pelo autor para fins de pesquisa.

CAMPOS, Flavio. Roteiro de cinema e televisão: a arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma estória. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

CARRIÈRE, Jean-Claude; BONITZER, Pascal. *Prática do roteiro cinematográfico*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.



GENETTE, Gérard. Discurso da narrativa. Tradução de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Arcádia, 1995.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

PARENT-ALTIER, Dominique. O argumento cinematográfico. Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa: Texto & Grafia, 2014.

RUFFATO, Luiz. *Estive em Lisboa e lembrei de você*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

STAM, Robert. *A literatura através do cinema*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.